



**Não Empurre
o Carro
Sozinho, Pastor!**

O MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO

A VOZ DO MINISTÉRIO ADVENTISTA

DIRETOR

RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL

BERNARDO E. SCHÜNEMANN

COLABORADORES

R. A. WILCOX
ENOQUE DE OLIVEIRA

REDATOR

CARLOS A. TREZZA

DEPTO. DE ARTE

HENRIQUE C. KAERCHER

NESTE NÚMERO

Plano de Ação Coordenada
1973 3

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO:
Ligue o Motor! 5
Rubén Pereyra

A Natureza da Igreja — Uma
Interpretação Adventista 6
Raoul Dederen

O Adventismo em Face do Cal-
vinismo e do Arminianismo 12
Léo Ranzolin

Ocultismo 15
J. R. Spangler

Crise na Educação Adventista
na Divisão Sul-Americana — I 19
Werner Vymeister

Oração do Pastor 21

A História de uma Conversão e
de um Livro 22

Rubén Pereyra

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado
bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINIS-
TERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉ-
TIMO DIA — Editado pela Casa Publicadora
Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000
Sto. André, S. Paulo.

MUDANÇA DE ENDEREÇO — No caso de
mudança de endereço enviar o antigo e o
atual.

Assinatura Anual US\$ 3,00

Número Avulso US\$ 0,50

PLANO DE AÇÃO COORDENADA 1973

Datas e Atividades Para Recordar

JULHO

- Enviar relatório de batismos e notícias do progresso do trabalho à Associação ou Missão (com cópia à União e à Divisão).
- Iniciar classes batismais MV intensivas, preparando o batismo de primavera em setembro.

PREPARAÇÃO CAMPANHA GRANDE

- Traçar plano em detalhe.
- Confeccionar lista de comissões que atuarão.
- Confeccionar lista de pessoas a quem se enviará a propaganda (ir preparando os envelopes com os endereços).
- Imprimir volantes, cartões de decisão, de controle de assistência etc.
- Analisar todo o programa com membros das comissões e oficiais: o que está em marcha e o futuro.

AGOSTO

- 4-11, segunda semana de Ênfase Espiritual MV.
- 12-18, segunda semana de Capacitação Missionária, como preparação espiritual e técnica para a campanha grande.

LANÇAR A GRANDE CAMPANHA DE EVANGELIZAÇÃO (DIA 18)

- Dia 25, sermão sobre o lar, preparando para o curso “O Lar Adventista,” de setembro. Fazer propaganda para o curso.
- Fazer propaganda para o “Dia Continental de Jejum,” preparando para o batismo de primavera e a grande campanha de 15 de setembro.
- Conseguir material para o “Dia do Púlpito Jovem” (8 de setembro) e escolher oradores.

NÃO sei o que sucedeu com o pastor. Está empurrando sua igreja morro acima. Aparentemente a carga é grande. Acabou-se o combustível? Parece que não. A julgar-se pelo cavaleiro que dorme placidamente sobre o carro, parece que aquela é uma situação mais ou menos permanente. Pastor! Não lhe ocorre que seria melhor ligar o motor desse automóvel? O que não funciona? Não seria já o momento de o consertar?

Voltamos a olhar a capa da revista e nos rimos. Há tão evidente contraste entre a expressão do rosto do pastor e a dos passageiros! Por outro lado, quedamos a refletir preocupados: Que pastor já não se sentiu empurrando sua igreja — sua pesada igreja — morro acima! Quão difícil é fazê-lo! Quando chegam circulares com ordens, pedidos e instruções — que fazer primeiramente? Que deixar de lado? Há, porém, a necessidade de enviar-se um relatório... E em alguns casos o resultado é um pastor-gerente, um promotor com pouco tempo — e finalmente, pouco interesse — para consolidar sua própria vida espiritual, o que resulta em pouco estudo, pouca oração, pouca meditação e conseqüentemente poucos frutos.

Indubitavelmente esse não é o plano divino. Uma igreja que seja empurrada morro acima com o suor do rosto do pastor não se constituirá em luz do mundo. A igreja necessita causar hoje um impacto no mundo. Aproxima-se o tempo das conversões em massa e para tanto a igreja deve sair do anonimato. Essa saída não será alcançada apenas mediante as relações públicas, o que sem dúvida é sempre importante e eficaz, mas também através de um impacto espiritual: em meio a um mundo perplexo, desorientado, com os olhos vendados, surge uma mensagem de real esperança, levada adiante por um grupo de crentes unidos, radiantes, convictos, que chegam a transformar-se em motivo de admiração por suas elevadas virtudes. Ao conhecê-los, muitos dirão: "Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco" (Zac. 8:23). Uma igreja tipo carrinho de mão (que se se deixa de empurrar se detém) ou como a da capa (que se se deixa de empurrar retrocede) jamais cumprirá esse ideal.

Como solucionar esse problema? Para compreendê-lo melhor perguntemos: qual é a raiz de uma tal situação?

O primeiro argumento que surge é: há falta de líderes nas igrejas. Pode ser, especialmente em alguns casos. Contudo, a falta de colaboração não é sempre sinônimo de falta de talentos ou de desejos de fazer algo. Às vezes — e nos atreveríamos a dizer, muito amiúde — é simplesmente falta de incentivo ou inspiração. A realidade é que existem talentos adormecidos na maior parte de nossas igrejas. O que falta é desenvolvê-los, inspirar quem os possuem a usá-los, reconhecer o bem que podem fazer e o que fazem na prática. Isso criará mútua confiança, mútuo respeito e como resultado, trabalho dedicado e frutífero. O que realmente falta em muitas de nossas igrejas são atividades e atitudes formadoras de líderes.

Quando Neemias necessitava da mobilização maciça do povo de Jerusalém para a reconstrução da muralha, não confiou no "exercício da autoridade" para impor-se e obrigar todos a trabalhar, mas "procurou antes ganhar a confiança e simpatia do povo, sabendo que uma união de corações bem como de mãos era essencial na grande obra que tinha diante de si." (Profetas e Reis, pág. 637). Ao reunir o povo no dia seguinte, "apresentou argumentos calculadamente de molde a despertar suas energias adormecidas e unir seus elementos humanos dispersos." (Ibidem).

Ao lermos o relato bíblico, notamos que o povo espontaneamente propôs: "Disponhamo-nos e edifiquemos" (Neem. 2:18). Neemias estava inspirando o surgimento de colaboração voluntária.

LIGUE O MOTOR!

Neemias viu a realidade de uma cidade desmoronada e sentiu tristeza por causa dela. A irmã White viu igrejas mal orientadas ou mal dirigidas e teve idênticos sentimentos: "Sentimo-nos imensamente penalizados ao ver alguns de nossos ministros adejando em torno das igrejas, fazendo ao que parece algum esforço, mas não tendo afinal senão quase nada para apresentar como fruto de seu labor." (Test. Seletos, Vol. 1, pág. 386). O pastor deve aprender a maneira de levar os membros da igreja a levantar-se e dizer: "Disponhamo-nos e edificuemos."

A segunda realidade: Amiúde o pastor toma tudo em suas mãos sem delegar responsabilidades. Ouvíamos a um pregador faz pouco, que dizia em um curso de liderança — "O Pastor João Faztudo já morreu." Desejaríamos, ao menos, que tenha mudado de atitude... A verdade é que numa igreja há atividades suficientes para manter um pastor ocupado as 24 horas de cada um dos sete dias da semana. É certo também que às vezes custa mais e consome mais tempo ensinar-se a outros como realizar o trabalho do que fazê-lo nós próprios. Essa filosofia, porém, manterá o pastor como um eterno escravo do secundário, o que o impedirá de cumpri-lo com eficiência. O remédio é duplo: primeiro — delegar responsabilidades, inspirar aos que devem desempenhá-las, assessorá-los na execução e pedir relatórios quando a tarefa for realizada. Acrescentamos ainda uma fase importantíssima: dar o crédito e o reconhecimento a quem merecê-lo pois que é um excelente incentivo para aplicar-se, alguém, a outras tarefas com sucesso. Segundo: dar o primeiro lugar ao essencial. O ministério é uma tarefa que abrange fases tão dessemelhantes como o aconselhamento a um jovem desorientado e a construção ou reforma de uma igreja. O quadro complica-se quando pensamos que o pastor não tem cartão de ponto para marcar a entrada ou à saída do seu estabelecimento de trabalho, e que ninguém controla o emprego de suas horas ou minutos. Muito menos — embora o relatório mensal o revele em parte — controlar-se-ão suas atividades durante o dia. Poderá passar um dia todo em estudos; afinal, ele tem que pregar sermões com fundamento sólido pois a congregação o exige e merecel. Isso consome tempo.

Pode dedicar-se tão-somente à visitação dos membros da igreja, pois é o responsável pela vida espiritual de sua grei. E está muito certo em fazê-lo. Ou, argumentando que a igreja deve aprender a manter-se sem a dependência do pastor, dedicar-se-á a visitar exclusivamente os interessados. E terá razão nisso. Ou sua preocupação dominante pode ser a administração dos múltiplos interesses que a igreja tem, tais como a escola, a Assistência Social, as construções, as relações públicas etc. Não se pode negar sua importância porque através de todas elas pode contribuir para o progresso da obra. Portanto, trata-se de atividades imprescindíveis. Dedicar-se a isso a maior parte do dia, da semana e do ano. Parece ser muito correto. Finalmente está o Pastor João mencionado acima, dedicando-se pessoalmente à compra de vassouras, a preparar o quadro comparativo ou a preencher os relatórios, a acender e apagar as luzes, a consertar o encanamento... porque "é a única maneira de fazer com que as coisas funcionem." E, logicamente, essa fase da obra está bem atendida em sua igreja. Pensando bem, está também correto.

Na realidade, tudo isso tem sua razão de ser, embora só parcialmente. Uma característica do pastor de êxito é o equilíbrio em tudo quanto faz. Reconhecemos que o desequilíbrio na realização das diferentes atividades dependa da personalidade e formação de cada um. Há homens práticos que normalmente se preocuparão com coisas práticas. Há homens sociais que desfrutarão mais da visitação que da administração. O intelectual quererá passar o tempo com

(Continua na pág. 24)

Em reunião havida entre os teólogos adventistas do sétimo dia e representantes do Concílio Mundial de Igrejas, os representantes deste grupo pediram que se apresentasse uma afirmação clara e concisa por parte dos adventistas, quanto à posição de nossa igreja sobre a natureza e a missão da igreja. Os Drs. Raoul Dederen e Gottfried Oosterval, do Seminário Teológico da Andrews University, receberam a incumbência de preparar cada um um documento de 15 páginas, o primeiro sobre a natureza da igreja, e o segundo sobre a missão da igreja. Esses documentos foram preparados e debatidos numa reunião especial em julho de 1971. Entendemos que nossos leitores estariam interessados em possuir esse material.

A NATUREZA DA IGREJA

UMA
INTERPRETAÇÃO
ADVENTISTA

Raoul Dederen

Professor de Teologia do Seminário Teológico da
Andrews University

“PERTENCER à igreja de Deus é um privilégio único e que produz na alma grande satisfação. Deus tem o propósito de reunir um povo desde os distantes confins da Terra, a fim de constituir-lo em um único corpo, o corpo de Cristo, a igreja, da qual Ele é a Cabeça viva. Todos quantos são filhos de Deus em Cristo Jesus, são membros de Seu corpo, e dentro desta relação podem desfrutar o companheirismo mútuo e de companheirismo com seu Senhor e Mestre.”

Estes são os termos com que o *Manual da Igreja*, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, introduz o assunto da igreja de Deus.¹ Eles vêm a propósito, quando se deseja uma definição do assunto. Não há, claro, nenhuma formal definição adventista de igreja que possa ser fonte de autoridade. O uso da palavra no *Manual da Igreja* não é uma tentativa de prover-nos com uma explicação abstrata. Precisamos antes retornar à realidade histórica da igreja do Novo Testamento, como comunidade religiosa que, sob o poder do Espírito Santo, reconheceu a soberania de Jesus de Nazaré.

A Igreja no Realismo do Concerto

O próprio uso da palavra grega *ekklesia*, para designar a gloriosa realidade a que pertencia a primitiva igreja cristã, parece sugerir de sua parte uma clara concepção do que o termo significa. Não era um termo novo, sem dúvida alguma. Usado para designar as assembleias populares no governo das cidades-estados da Grécia, havia adquirido significado religioso na *Septuaginta* como “congregação de Israel,” o povo teocrático judeu. Esta parece ser uma das idéias dominantes da primitiva igreja cristã, quando usa o termo *ekklesia*, considerado em si mesmo ser “o Israel de Deus” (Gál. 6:16), a verdadeira continuação dos eleitos de Deus. Os que viviam inteiramente pela fé em Deus, embora biologicamente não descendentes de Abraão como “filhos da carne,” haviam-se tornado descendentes espirituais de Abraão, “filhos da promessa.”²

A obra especial de Deus para salvação da humanidade caída e o início de Sua igreja, estão relacionados na história do concerto que Ele fez com



Abraão e sua posteridade, de que Israel seria posto em particular relação com Jeová, relação esta diferente da que existia entre Deus e os pagãos. Deus era ainda Senhor dos incircuncisos, mas era o Deus de Israel num sentido especialíssimo. A religião bíblica é claramente uma religião de concerto, que, no caso de Israel, encontra sua clássica expressão em Êxo. 19:3-6.

“Subiu Moisés a Deus e do monte o Senhor o chamou e lhe disse: Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel: Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia, e vos cheguei a Mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardardes o Meu concerto, então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os po-

vos; porque toda a Terra é Minha. Vós Me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.”

Nesta passagem somos postos em face da noção bíblica de igreja, sua missão e tarefa. Deus escolhe Israel para salvação — não salvação dos descendentes de Abraão somente, mas salvação de todo o mundo. Israel deve ser um reino de sacerdotes, cuja tarefa é comunicar o conhecimento de Deus a toda a humanidade. Esta nação sacerdotal, a igreja do Êxodo e da Tora é, com efeito, a luz destinada a iluminar todos os homens (Isa. 43:10; Zac. 8:23). Quando terminou de ler os mandamentos de Deus e o povo respondeu: Faremos tudo que o Senhor tem dito (Êxo. 24:7), Moisés selou o concerto, derramando sangue da

oferta de animal sobre o povo, declarando. “Eis aqui o sangue do concerto que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras” (Êxo. 24:8).

Uma Questão de Continuidade

A igreja cristã primitiva declarava ser a continuação de Israel, povo este a quem Deus escolhera antes da vinda de Jesus. Desde o princípio eles compreenderam sua existência cristã na perspectiva do anúncio messiânico e seu cumprimento, perspectiva visível no Velho Testamento. Isto implicava uma teologia muito definida de história: “Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o Universo” (Heb. 1:1 e 2). Os dias de expectativa haviam passado. O dia do Senhor tinha vindo. Por tudo isto, entretanto, o novo concerto inaugurado pelo Senhor Jesus e selado pelo Espírito Santo no dia do Pentecostes era apenas um concerto do passado, restaurado, cumprido, reassumido e renovado. A igreja cristã identifica-se claramente com o verdadeiro Israel de Deus, do qual era o remanescente.

Esta audaciosa reinterpretação do plano da salvação revelado no Velho Testamento é obviamente o resultado da própria afirmação de Jesus de que Sua vida e morte eram o cumprimento não apenas das profecias do Velho Testamento, mas também de todo o sistema sacrificial de Israel. “E disse-lhes,” escreve Marcos, “este é o Meu sangue, o sangue do novo concerto derramado em favor de muitos” (S. Marcos 14:24). A expressão “sangue do concerto” parece tirada diretamente de Êxo. 24:8. Segundo o relato paulíneo, Jesus declarou: “Este copo é o novo concerto em Meu sangue” (I Cor. 11:25), assim explicitamente referindo-se à profecia de Jeremias sobre o dia em que o Senhor haveria de fazer um novo concerto com a casa de Israel e a casa de Judá (ver Jer. 31:31-33). Assim, no No-

vo Testamento, a igreja de Jesus Cristo é descrita como o novo Israel, estabelecido por meio do concerto no sangue do Messias. A igreja cristã é a herdeira dos privilégios espirituais e responsabilidades que uma vez pertenceram ao Israel do passado. Sem dúvida, com Exodo 19 em mente, Pedro podia escrever: "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as maravilhas d'Aqule que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. Vós, que antes não éreis povo, mas agora sois povo de Deus" (I S. Pedro 2:9 e 10).

Uma Assembléia Congregada por Deus

Não há como, fora da fé, se possa afirmar a realidade da igreja. Somente a fé pode declarar que certos fatos procedem de divina intervenção na História e, significando a presença de Deus, são constitutivos de uma realidade específica que é chamada igreja. Fora da fé, a igreja é meramente uma associação baseada em algum instinto social, algum impulso de mútua afeição ou qualquer outra atração natural, reunindo pessoas e mantendo-as unidas.

A igreja é uma realidade sociológica, uma sociedade humana, temporal, naturalmente, visível, e ainda "neste mundo," e nesse sentido comparável a outros grupamentos de homens. Mas ela é mais do que meramente uma comunidade humana, pois é antes de tudo uma assembléia congregada por Deus. Aqueles que ela congrega são *crentes*, pessoas que responderam ao chamado de Deus, e com quem Ele renova a relação de concerto, a associação original como de um Pai. O Senhor é quem atrai e congrega — Cristo habitando no crente, enxertando-o em Si, a fim de torná-lo participante de Suas riquezas. Esta excepcional conjunção pela qual Cristo Se une ao crente e o crente a Ele, expressa as convicções da primeira igreja de que a igreja cristã transcende de muito as dimensões de uma sociedade estritamente humana. Aí existe lado a lado, cremos, o elemento divino objetivo, e a subjetiva e humana dimensão, dois elementos que precisam, ambos, ser reconhecidos em sua relação, a fim de podermos ter uma correta compreensão da idéia de igreja segundo o Novo Testamento.

Imagens da Igreja

A inseparável conexão entre Cristo e a igreja é ostensivamente notória para o leitor cristão mediante as imagens usadas na Bíblia. Assim é a igreja descrita de formas várias, entre elas como rebanho, edifício, noiva, bem como o corpo de Cristo.

O primeiro símbolo, a imagem pastoral do rebanho do qual Cristo é o "Bom Pastor" (S. João 10:1-16; S. Lucas 12:32)³, ainda tem imediata relevância num século de industrialização. Ela nos lembra que os discípulos de Cristo são separados, vivendo individualmente, cada um necessitando do cuidado e proteção do pastor, o que eles só podem ter se seguirem a Cristo, com Ele unidos.

Quando o Novo Testamento retrata a igreja como casa de Deus, construída "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular, no qual todo edifício bem ajustado cresce para santuário dedicado ao Senhor" (Efés. 2:19-21)⁴, há pouca dúvida quanto ao propósito do significado da metáfora. A igreja deve ser única, o sinal da presença de Deus na História. Sempre em edificação, pois jamais será concluída na

terra até que o final propósito de Deus seja consumado — Cristo mantém-na unida e a modela.

Poucas figuras podem sobrepujar a da noiva e o noivo, metáfora que muito adequadamente ilustra aquela relação entre Cristo e Sua *ekklesia*, que encontramos em Efés. 5:21-33. A frase espontaneamente chama-nos a atenção para a intimidade do casamento tantas vezes usado como ilustração no velho Testamento, a fim de representar a relação existente entre Deus e o Seu povo,⁵ e que Jesus adotou quando Se referiu a Si mesmo como o noivo (S. Marcos 2:20). Ela dá ênfase ao amor de Cristo por Sua igreja, o amor de Cristo que Se sacrificou por Seu povo, de modo que pudesse ser "uma carne" com Ele. De importância pelo menos igual, por outro lado, estão as implicações de obediência, pureza e responsabilidade ao amor que a noiva de Cristo deve possuir. Incondicionalmente sujeita a seu Senhor, a igreja tira o seu sustento de Cristo somente.

Permanece, porém, o fato de que o conceito da igreja como corpo de Cristo, provavelmente mais do que qualquer outro símbolo, salienta o grau a que Cristo enche Sua *ekklesia* com as riquezas de Sua glória (Efés. 1:18-23).⁶ Ele de continuo distribui em Seu corpo dons de ministração, a fim de que seus membros possam refletir os Seus traços de caráter em sua própria vida e pôr em ação os Seus propósitos de graça (Efés. 4:11-16). Cristo é a cabeça da igreja, da mesma forma como é a fonte de seu nutrimento, crescimento, direção e união. Visto que Cristo é o espírito animador, a vida da igreja, todos os membros devem ser modelados n'Ele, até que Cristo seja neles formado. (Ver Gál. 4:19). Não há lugar aqui para divisão ou sectionamento, visto que se trata de "um só corpo" (Col. 3:15), do qual todos os crentes são membros.

Essas diferentes imagens significativas para a instrução da comunidade cristã, indicam que para os escritores do Novo Testamento, a igreja não é mais separável de Cristo do que Cristo é separável de Deus.

A Igreja e o Espírito

Separada de Cristo a *ekklesia* cristã não é mais a igreja em qualquer verdadeiro sentido. Nem pode ela existir sem o Espírito Santo. A presença eficaz do Espírito não é menos essencial à vida da igreja do que a contínua presença de Cristo. A própria fé que caracteriza o crente é, segundo o Novo Testamento, obra do dom do Espírito. "Ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo" (I Cor. 12:3). Como o Senhor prometeu, o Espírito guiará "em toda a verdade" (S. João 16:13). Sem a presença e operação do Espírito Santo a igreja é inconcebível.

Esta inseparabilidade da igreja e o Espírito é sublinhada com particular força no acontecimento do Pentecostes. O dia em que ficou marcada a real constituição da igreja, foi também o dia em que os discípulos "foram todos cheios do Espírito Santo," quando o Espírito foi derramado sobre eles (Atos 2:4). Não que não tivesse existido o testemunho da operação do Espírito Santo em tempos pré-cristãos, mas ambos, o testemunho de Jesus e a convicção dos apóstolos, dizem-nos no Novo Testamento que nesse dia começou um nova espécie de vida, que são os dons espirituais (S. João 14:16

e 17; Atos, cap. 2). Este foi um verdadeiro encontro entre o homem e o Espírito divino.

A obra do Espírito, como efetuada na comunidade cristã, é de grande significação para a igreja. Sendo uma pessoa, Ele trata conosco como pessoas. Uma vez que o Seu ministério é a continuada seqüência da encarnação, Ele ilumina a mente do homem e o capacita a reconhecer a presença de Jesus. Por meio de Cristo não é mais a figura do passado, nem nosso conhecimento a Seu respeito meros dados biográficos, mas profundo e real companheirismo pessoal, uma relação entre Pessoa e pessoas. Cristo vem a nós diariamente no Espírito Santo, o qual nos chama não apenas para a fé, mas também para o discipulado. "Guiados pelo Espírito de Deus" (Rom. 8:14), a uma filial relação com Deus, somos também "chamados em um corpo" de Cristo (Col. 3:15), onde participamos na *Koinonia* do Espírito e de Cristo.⁷ É nesta unidade de pensamento e de mente que a vida do crente cheio do Espírito dá os "frutos do Espírito" que, segundo o apóstolo é "caridade, gozo, paz, longanimidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gál. 5:22 e 23).

Além desses atributos da vida cristã que são os "frutos" do Espírito operando em favor de todos aqueles que são por Ele guiados, há dons espirituais particulares, ou *charismata* que são dados a certos membros da igreja em graus variáveis até o fim do tempo. Essas são qualidades e faculdades concedidas aos crentes para o serviço da igreja (Rom. 12:6-8). Foram providos para a igreja quando Jesus subiu ao Céu (Efés. 4:8-14). Descritos como, dados por Cristo (verso 11), crê-se também que são distribuídos pelo Espírito, quando a chuva serôdia parecer mais necessária (I Cor. 12:11), para o propósito de corrigir e unir os santos, bem como para preparar a igreja para a vinda do Senhor.

A Igreja e a Palavra de Deus

A igreja não existe por amor de si mesma. Deus a adquiriu como Sua especial possessão, a fim de que ela anuncie as virtudes d'Aquele que a chamou das trevas para Sua maravilhosa luz (I S. Ped. 2:9). Ela existe a fim de levar a cabo a missão que lhes foi dada por Jesus Cristo. Assim como Cristo veio para fazer a obra que o Pai Lhe dera, a igreja, sendo "o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que perecem" (II Cor. 2:15), assume a responsabilidade de espalhar a fragrância do conhecimento de Deus em toda parte.

Constantemente posta em face do problema de sua autoridade no curso em que leva sua missão, a igreja cristã volta-se e busca em Cristo, sua Cabeça, a guia e direção. NEle, recebendo como a Palavra de Deus encarnada e vivendo entre os homens, ela encontra a única fonte autorizada de suas decisões e escolha. Ser um cristão significa dizer Sim a Ele e aceitá-Lo sem reservas como sua autoridade.

A religião cristã não é, em primeiro lugar, a aceitação de um credo nem o seguimento de um código moral. Em sua mais íntima essência ela é, como no caso dos apóstolos, uma entrega a uma pessoa, a Jesus Cristo. Como com apóstolos, é também conosco. É o próprio Jesus Cristo, e não algum ensinamento sobre Ele, que é a Palavra de Deus para a igreja. A fim de nos ajudar, séculos mais tarde, a reconhecer o Espírito de Cristo

e estabelecer com o Senhor aquela espécie de relação que os apóstolos experimentaram, a Palavra de Deus vem a nós em forma escrita, ou em linguagem falada. A palavra escrita dos apóstolos não é, naturalmente, idêntica à Palavra divina em Si, uma vez que a linguagem humana participa de nossas fraquezas. Mas ela é o meio escolhido pelo qual Deus nos fala. O único Cristo que conhecemos é o Cristo dos apóstolos e do testemunho deles. Isto explica, cremos, por que os escritores do Novo Testamento esperavam que os que recebessem suas mensagens as considerassem como "a Palavra de Deus" (I Tes. 2:13), e como "mandamento do Senhor" (I Cor. 14:37).

A pregação sincera da Palavra de Deus como encontrada nas Escrituras, portanto, não é certamente um aspecto secundário ou acidental da vida da igreja. Aqui está sua autoridade. A igreja firma-se e cai com a Palavra escrita, pois esses escritos são a forma legível do testemunho dos apóstolos para com a revelação de Deus em Jesus Cristo, como João frisa quando escreve: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao verbo da vida... anunciamos também a vós, para que vós igualmente mantenhais comunhão conosco" (I S. João 1:1 e 3). Pela fé e baseado no testemunho de Cristo e dos apóstolos, a igreja cristã aceita as Escrituras do Velho e do Novo Testamentos como Palavra autorizada de Deus. É aqui que ele pode, e precisa, em cada geração, de tal modo aprender a conhecer a Cristo que possa saber com que autoridade enfrenta um mundo que cada vez mais põe em dúvida o seu direito de falar.

A Santidade da Igreja de Deus

Em virtude da justiça mediadora de seu Senhor, a igreja cuja comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo" (I S. João 1:3), é considerada diante d'Ele como santa. Ela pode apropriadamente ser chamada uma comunidade de santos, pois seus membros, que pela fé se têm beneficiado do perdão de Deus, reentraram assim no divino concerto, a comunhão divina.

Esta santidade é antes de tudo uma santidade do homem interior, que encontra sua expressão em manifestação exterior de vida. Mas ela leva também a noção de separação, de pôr à parte. Este aspecto é definitivamente salientado no Israel antigo e retido pelo Novo Testamento. O povo de Deus não pode ser confundido com outros. A fé sempre se manifesta só. A igreja é santa porque é separada do espírito do mundo, e é consagrada a Deus, e afirma a objetiva autoridade de Jesus Cristo sobre todos os seus membros.

A Igreja É Apostólica

Chamada por Deus, nutrida por Sua Palavra, e considerada santa por Ele, a igreja se contradiria a si mesma, entretanto, se se insulasse em contemplação, em ações de graças ou mesmo em intercessão. A igreja é também apostólica. Isto lembra que Jesus, como seu Senhor, chamou-a, e então enviou em missão os que aprenderam d'Ele a mensagem do evangelho. Eles se tornaram re-

cupientes e depositários de Sua Palavra, bem como Seus mensageiros. Aonde quer que fossem eram enviados de Cristo, ou apóstolos, no sentido básico do termo no Novo Testamento, Seus representantes e embaixadores, levando Sua mensagem de reconciliação (II Cor. 5:17-21). "Quem vos der ouvidos, ouve-Me a Mim," Jesus explicou (S. Luc. 10:16). A igreja, portanto, é apostólica, uma vez que é mensageira de Cristo à humanidade. Parece fútil elaborar o fato de que a frutificação para o evangelho de Cristo implica, concretamente, fidelidade aos escritos apostólicos. Ser "apóstolo" significa também "perseverar na doutrina dos apóstolos e na comunhão" (Atos 2:42). A igreja será apostólica até o ponto em que esteja dando ouvidos aos ensinamentos dos apóstolos como expostos nas Escrituras, começar com os quais é a condição sobre que a autoridade de Cristo se fará sentir.

A Igreja, Visível e Invisível

A condição de membro na igreja é sempre a resposta a um divino convite. Os homens são trazidos à igreja porque foram cativados pela figura de Jesus Cristo, que os convida a partilhar da tarefa de dar explícito testemunho do que aconteceu, está acontecendo e acontecerá na História. Da mesma forma como somente Deus conhece os que têm respondido, Ele somente conhece os limites da igreja.

Nem todos os que são de Israel são israelitas, o apóstolo afirma, nem é circuncisão o que é somente na carne (ver Rom. 2:25-29). Todos sabiam que Natanael era israelita; mas somente o Senhor sabia que ele era alguém em quem não havia dolo. Ao falar de uma igreja visível e uma igreja invisível, os adventistas do sétimo dia não se referem a duas igrejas diferentes, mas a dois aspectos da igreja de Cristo. Como existe sobre a Terra, a igreja é ao mesmo tempo visível e invisível. Diz-se que invisível porque sua natureza espiritual só é perceptível pela fé, e também porque é impossível determinar de modo infalível, quem a ela pertence e quem não pertence. A igreja invisível na Terra é esse grupo de pessoas que pertencem ao concerto da graça, receberam o Espírito Santo e são membros do corpo de Cristo.

A idéia de invisibilidade, portanto, conquanto expressando a transcendência e unidade da igreja, não é uma tentativa de nossa parte de descartar a realidade temporal e a vida da igreja. A igreja invisível assume forma visível numa organização externa por meio da qual ela se expressa. A igreja torna-se visível na profissão e conduta cristã, no ministério da Palavra e dos sacramentos, bem como na organização externa e no governo.

Os adventistas do sétimo dia reconhecem que Cristo está operando nas igrejas cristãs e por meio delas. Sustentam que Deus tem fervorosos seguidores em todas as comunhões cristãs, e até mesmo além dos muros do cristianismo. Ao mesmo tempo, entretanto, insistem em declarar que dentre as igrejas cristãs, a igreja adventista do sétimo dia ocupa posição única. Consideram-se povo da profecia. Crêem que Deus profeticamente ordenou — como se comprova de Apoc. 14:6-12 — que nos últimos dias haveria o despertamento de um

movimento religioso que deveria advertir o mundo sobre a iminente volta de Cristo, e procuraria preparar os homens para o dia de Deus, fazendo-os retornar ao caminho da plena conformidade com os ensinamentos das Escrituras. Assim como o povo de Deus nos antigos tempos fora chamado para deixar a Babilônia literal (ver Isa. 48:20; Jer. 50:8; 51:6 e 45), e voltar para Jerusalém, o Seu povo hoje é chamado a sair da Babilônia mística, para que não receba das suas pragas (ver Apoc. 18:4), mas seja considerado digno de entrar na Nova Jerusalém. Pseudo-epígrafos e escritores do cristianismo nascente identificaram a Babilônia mística com a Roma dos Césares. Dois séculos antes da Reforma alguns começaram a aplicar a metáfora à Roma papal. Não é chegado o tempo ainda, mas os adventistas entendem que imediatamente antes dos acontecimentos finais, esta metáfora incluirá todas as denominações cristãs cujo apego a tradições humanas e ao mundo tem prioridade sobre seu apego a Cristo — o que se pode medir por seu modo de vida. A proclamação para deixar Babilônia porá a descoberto um grupo de cristãos responsáveis — algumas vezes mencionados como "a igreja remanescente" — dos quais se diz que "guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus" (Apoc. 14:12). Esta compreensão não significa que os adventistas do sétimo dia se considerem melhores cristãos do que outros. Isto tem que ver com a igreja adventista como um movimento profético ao qual se confiou uma mensagem profética para todo o mundo.

A Igreja e os Sacramentos

Do exposto deve ficar claro que os adventistas do sétimo dia consideram a igreja como uma comunhão de homens que, chamados pelo Espírito Santo, estão ligados em viva fé e obediência à Palavra divina. Esta igreja é universal, pois não é a igreja de um determinado país, de uma específica geração ou cultura. Ela transcende todas as suas realidades locais e temporais, que são apenas formas provisionais, até que chegue o dia glorioso de Sua volta.

O batismo é o sinal de entrada para a igreja, o qual confirma o nascimento espiritual da pessoa na família de Deus. O batismo cristão não é um batismo de água apenas, mas é também o batismo do Espírito. Há um vínculo indissolúvel entre o batismo cristão e o dom do Espírito. Ele é um sinal não apenas de arrependimento e perdão, de morte e ressurreição com Cristo (Rom. 6:3-11), mas também de recebimento do Espírito Santo (I Cor. 12:3). Todo o que é batizado não mais pertence ao mundo e não está mais sujeito a ele. Deseja ser reconhecido como estando sob a autoridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Pertence a Cristo somente, e relaciona-se com o mundo apenas por meio de Cristo.

Se o batismo é o sinal visível de nossa entrada na família de Deus, a Santa Ceia, precedida pela lavagem dos pés, representa tudo que Deus tem feito por nós, está fazendo e fará até o fim dos séculos. A participação no pão e no cálice é nossa demonstração ou anúncio da morte do Senhor, até que venha (I Cor. 11:23-26).

Batismo, Ceia do Senhor e pregação da Palavra estão intimamente relacionados como expressões do

verdadeiro culto cristão. O culto não é alguma coisa que o homem faz para Deus, mas é antes a resposta do homem ao que Deus já fez por ele. Aqui a família de Deus se reúne em Sua presença para glorificá-Lo. Embora a relação da pessoa com Cristo envolva decisão pessoal, todavia ser salvo significa ser salvo na comunidade e não isoladamente. Ser salvo significa pertencer ao grupo dos salvos, pertencer à igreja, onde, nos primeiros tempos do cristianismo, como diz o evangelista. "todos os que creram estavam juntos" (Atos 2:44).

União da Igreja

O culto cristão e os sacramentos são também sinais externos da redescoberta união do povo de Deus, uma união readquirida em Jesus Cristo. Dispersos e opostos uns aos outros por tudo que o pecado adiciona às naturais idiossincrasias do homem, que se converte em divisões e hostilidades, mediante sua fé em Cristo os homens recobram a unidade de sua origem e do seu destino. Pela fé eles são um, pois são agora participantes de um e único Filho de Deus, que a Si mesmo Se deu para salvá-los e fundar a igreja. Esta união é claramente manifestada pela intercessão sacerdotal de Jesus, com base na qual Ele orou: "Que sejam um, assim como nós . . . como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, para que o mundo creia que Tu Me enviaste" (S. João 17:11 e 21.) A própria natureza da igreja demanda isto, como Paulo o indica em sua epístola aos filipenses (Fil. 4:4-6).

Os adventistas do sétimo dia deploram as divisões na família de Deus. Não professam que a união da igreja é de natureza tão espiritual, tão indivisível, que as divisões que laceram o corpo de Cristo devam ser consideradas de nenhuma importância. A união cristã, naturalmente, não significa para nós uniformidade. A união cristã envolve diversificação, como variações no culto e na forma de governo. Esta própria diversificação acrescenta interesse e beleza à vida do corpo. Ao mesmo tempo, entretanto, sustentamos que a oração de Cristo, "assim como nós" pede uma comunhão em espírito, mente e caráter pela qual os cristãos devem ser um em suas crenças principais em suas verdades fundamentais da Palavra de Deus. Fé em Jesus Cristo somente não expressa a plenitude da união cristã que, entendemos, está conectada tanto com a fé como com o conhecimento (Efés. 4:13). Ninguém pode isolar a questão de união com a questão da verdade. Os dois estão inseparavelmente unidos, uma vez que a união cristã é essencial não somente para prover provas de convicção de que as declarações de Cristo com respeito a Si mesmo eram verdadeiras (S. João 17:21), mas para tornar possível o cumprimento da comissão evangélica "em todo o mundo" (S. Mat. 24:14).

Eclesiologia e Escatologia

A igreja de Deus não deriva de baixo, mas de cima. É uma divina criação. Formada na História, ao chamar Deus um remanescente, Israel, e entrar em comunhão com ele, por quem todas as pessoas da Terra deviam ser abençoadas, foi-lhe dada uma nova forma em Jesus Cristo. No poder do Espírito Santo, Ele congregou e reconstruiu o povo de Deus em Sua Pessoa, de modo que a co-

munhão cristã pudesse desempenhar um papel na história da salvação. Ela deve, porém, tomar uma final e eterna forma, quando Cristo vier outra vez para renovar Sua criação. Então Sua igreja será vista "gloriosa, sem mácula, nem ruga" (Efés. 5:27).

A iminente segunda vinda de Cristo é a mais preeminente crença da fé adventista, como o indica o nosso nome denominacional. Parece que o fato distintivo que tem posto os adventistas à parte de outros cristãos é sua convicção de que o entendimento cristão de redenção individual por meio de Cristo inclui o cumprimento e o aperfeiçoamento do povo de Deus dentro do reino escatológico. Este reino, naturalmente, é tanto presente como futuro: presente em Jesus e em Sua igreja onde está "começando" e futuro no ato final que representará o fim da História, quando estará "completo." A vontade e a obra de Deus estarão consumadas.

A igreja surgiu como resultado da encarnação. Tem servido desde então como ponte, um elo vivo entre a ressurreição de Cristo e Sua volta. Ela vive entre o "já" do primeiro e o "ainda não" do segundo. Entre o tempo de sementeira e o tempo da colheita, entre o tempo do Messias sofredor e o dia do Seu glorioso aparecimento, a igreja é peregrina, nunca tudo que tem sido e nunca tudo que será. Ela abrange a realidade de as expressões do passado e do presente poderem nos dar apenas uma idéia imperfeita, sujeitada como está às limitações da criação. Ela está na rota para um reino real de união e amor em que "naquele dia" será plenamente compreendido o significado da vida que foi desvelado em Jesus de Nazaré. Entretanto, fraca e defeituosa como possa ser, ela é, na Terra, o objeto do supremo cuidado do Senhor, aguardando em esperança o final aperfeiçoamento, quando o propósito de Deus em elegê-la será plenamente manifesto.

1. Editado pela Associação Geral e adotado em todo o mundo como normativo para a igreja adventista do sétimo dia.
2. Ver Rom. 4:12; 9:8. Conf. com Fil. 3:3; I S. Pedro 2:9.
3. Ver também Atos 20:28 e 29; Heb. 13:20; I S. Pedro 5:2-4; Apoc. 7:17.
4. Ver também S. Mat. 16:18; 21:42; I Cor. 3:9-14; I S. Pedro 2:6 e 7.
5. Ver Isa. 54:5; Jer. 3:14; Eze. 16:8-14; Oséias 2:19.
6. Ver Rom. 12:4 e 5; I Cor. 6:15; 12:12-27; Col. 1:18 e 24; 2:19.
7. Ver II Cor. 13:14; Fil. 2:1; I Cor. 1:9.

Mudou de Endereço?

Para que não se interrompa a remessa de O Ministério Adventista, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome

Endereço anterior

Novo Endereço

Envie a Casilla 286, Montevidéu, Uruguai. Associação Ministerial.

O Adventismo em Face do Calvinismo e do Arminianismo - Conclusão

VI) O Homem, uma Vez Salvo, Pode Voltar para o Mundo

Jesus disse: "aquele, porém, que perseverar até o fim, será salvo." S. Mat. 10:22. Ver também S. Mat. 24:13; S. Mar. 13:13. Não deve haver somente um começo na vida cristã, mas também uma continuação na Palavra de Deus.

De acordo com nossa compreensão, há dois cursos para os homens:

(1) "Dará a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade." Rom. 2:7. "O dom de Deus." Rom. 6:23.

(2) "Mas ira e indignação aos facciosos que desobedecem a verdade e obedecem à injustiça." Rom. 2:8.

A salvação é oferecida gratuitamente a todos os homens, porém eles a recebem somente aceitando a Jesus Cristo como Senhor. E tendo-a recebido, eles devem "seguir em conhecer o Senhor." Oséias 6:3. Isto é freqüentemente enfatizado por vários textos "se" da Bíblia. Assim: "Cristo, porém, como Filho, sobre sua casa; a qual casa somos nós, se guardamos firme até o fim a ousadia e a exultação da esperança." Heb. 3:6; "Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se de fato guardarmos firme até o fim a confiança que desde o princípio

tivemos." Verso 14. "Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nEle: Se vós permanecerdes na Minha palavra, sois verdadeiramente Meus discipulos." São João 8:31.

"Se permanecerdes em Mim e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito." S. João 15:7. "Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor; assim como Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai, e no Seu amor permaneço." Verso 10. Parece-nos claro, portanto, que o homem, uma vez salvo, ainda pode voltar para o mundo.

Se isto não é assim, há muitos textos que seriam difíceis de entender ou de harmonizar com o ensinamento geral da Bíblia.

Temos por exemplo o texto: "Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado." I Cor. 9:27. O "desqualificado," neste texto, é da palavra grega "ADOKIMOS," a qual é traduzida como "rejeitado" (Heb. 6:8) e "reprovados" * (II Cor. 13:5 e 6; Rom. 1:28).

* Alguns mantêm a posição de que isto significa simplesmente "desaprovado" ou "colocado de lado," como um que serviu de uma maneira útil na Causa de Deus, mas que agora é um "desqualificado," "sendo colocado de lado" e que isto não envolve sua posição como um filho de Deus.

Léo Ranzolin

Diretor Associado do Depto. MV da Associação Geral.

Outras interpretações do grego, entretanto, nos parecem fazer tal interpretação impossível. "ADOKIMOS" é apresentado como "reprovado" não menos de 6 vezes. E o contexto em cada exemplo é tal que não poderia ser aplicado como um verdadeiro filho de Deus." Notemos:

Rom. 1:28 "O próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável" — uma referência a homens abandonados para iniquidade ou entregues à iniquidade.

II Cor. 13:5 "Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados." Também os versos 6 e 7, os quais não podem se referir a um cristão nascido de novo, pois ele não está na fé, Cristo não está nele, ele está vivendo em pecado.

II Tim. 3:8 "São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto a fé." (Aqui estão homens que resistem à verdade; homens que são corruptos).

Tito 1:16 "Reprovados para toda boa obra." Pode isto se referir a um cristão? Notem que nega a Deus, é abominável, desobediente, enganador e contra toda boa obra.

Matthew Henry, comenta muito bem Rom. 1:28:

"Aqui ele, (Paulo junta uma lista negra de todas aquelas coisas incondizíveis das quais os gentios eram culpados, sendo entregues a uma mente reprovada. Nenhuma maldade tão hedionda, tão contrária à luz da natureza, à lei das nações e a todos os interesses da humanidade, poderia ser vista senão numa mente reprovada."

Matthew Henry comenta sobre I Cor. 9:27:

"Um pregador da salvação poderá perdê-la. Ele pode mostrar a outros o caminho dos Céus e nunca chegar até lá ele mesmo. Para se prevenir disto, Paulo tomou tanto cuidado de subjugar e conservar dominadas suas inclinações carnis, para que não viesse ele mesmo, que tinha pregado aos outros, a perder a coroa, ser desaprovado e rejeitado pelo Juiz Soberano. Um temor sagrado de si mesmo foi necessário para preservar a fidelidade de um apóstolo; e quanto mais necessário não é para nossa preservação! Notem, temor sagrado de nós mesmos e não uma confiança presunçosa, é a melhor segurança contra a apostasia e a rejeição final por Deus."

Outro texto que deve ser considerado é Heb. 10:28 e 29:

"Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas, quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calçou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?"

Sobre este, Dean Henry Alford, comenta devidamente:

"Há somente um sacrifício verdadeiro pelos pecados: se o homem, tendo se apropriado devidamente dEle, depois deliberadamente o lança para trás de si, não há um segundo sacrifício deixado para ele. Observaremos que uma coisa não é, e não precisa ser, especificada no texto. Que Ele tenha exaurido a virtude do Sacrifício único, não é dito: mas em proporção à sua rejeição voluntária dele, tem cessado de operar por ele. Ele tem realmente... fechado a porta do arrependimento para trás de si, pelo simples fato de estar num estado de habitação voluntária com o pecado. E isto é muito mais fortemente focalizado quando... a cena de ação é trans-

ferida para o grande dia da Volta do Senhor e ele for encontrado neste estado irreparável de impenitente." — *The Greek Testament*, 1875, pág. 707.

Um texto mais: Ezeq. 18:20-24:

"A alma que pecar essa morrerá: o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este. Mas se o perverso se converter de todos os pecados que cometeu, e guardar todos os Meus estatutos, e fizer o que é reto e justo, certamente viverá; não será morto. De todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela justiça que praticou viverá. Acaso tenho Eu prazer na morte do perverso? Diz o Senhor Deus; não desejo Eu antes que ele se converta dos seus caminhos, e viva? Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo segundo todas as abominações que faz o perverso, acaso viverá? De todos os atos de justiça que tiver praticado não se fará memória; na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado que cometeu, neles morrerá."

Nestes versos, dois homens são apresentados. O primeiro, um homem perverso que deixa o pecado e se torna obediente a Deus. Ele está perdoado; e se andar no caminho da justiça, nenhum de seus pecados antigos será mencionado diante dele. O outro, um homem justo que deixa o caminho da justiça e volta para o pecado. Se ele continuar em iniquidade, nenhuma de suas manifestações anteriores de bondade será jamais mencionada. Estão anuladas todas as bênçãos da salvação e ele desce para a morte (verso 24).

O Dr. H. A. Redpath ("The Westminster Commentary", sobre Ezeq. 18:24) diz:

"Toda a sua bondade (do justo) anterior não terá valor: morrerá em seus pecados... 'se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu estado pior que o primeiro.' II São Pedro 2:20."

VII) Cristãos Aconselhados a Confirmar sua Eleição

"O apóstolo Pedro, sentindo evidentemente a possibilidade de derrota na vida cristã, escreve àqueles que têm sido 'purificados' de seus 'pecados de outrora,' urgindo-lhes com diligência cada vez maior de confirmar a sua vocação e eleição (II S. Ped. 1:9 e 10). E isto, pela graça divina eles podem fazer. Ele diz: 'Associar com vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento, com o conhecimento, o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor.' Versos 5-7. Ele acrescenta: 'Porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.' Versos 10 e 11. Portanto, nós cremos que para confirmarmos nossa entrada no reino eterno, deveremos crescer na graça e virtudes cristãs através de uma presença interior de Cristo.

"Ele termina sua epístola com uma advertência, lembrando-lhes que muitos ignorantes e

instáveis estavam deturpando as Escrituras para sua própria destruição (II S. Ped. 3:16). Então, ele diz: 'Vós pois amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos: não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza; antes crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.' Versos 17 e 18.

"Paulo apresenta os mesmos princípios em suas epístolas, apesar de serem declarados numa linguagem diferente. Ele nos diz para colocarmos a armadura de Deus; para pelejar a boa luta da fé; para vigiar e orar; examinar as Escrituras diligentemente; fugir da tentação e deixar a maldade; e como cidadãos do Reino de Deus rendermo-nos ao controle do Rei, para que possamos viver os princípios de Seu Reino. Para todas estas coisas, até as mínimas, precisamos de ser possuídos do poder do Espírito habitando em nós. *Fazendo o que é certo, segundo os mandamentos de Deus, enfrentando qualquer ou todas as condições mencionadas, nunca salvou uma alma — e nunca jamais preservará um santo. A Salvação procede inteiramente de Deus e é um dom de Deus recebido pela fé. No entanto, aceitando este dom da graça, e com Cristo habitando em nosso coração, o crente vive uma vida de vitória sobre o pecado. Pela graça de Deus ele anda nos caminhos da justiça.*

"Enquanto os adventistas nos regozijamos de que recebemos a salvação pela graça, e somente pela graça, também nos regozijamos que por esta mesma graça obtemos vitória sobre nossos pecados, como também sobre nossa natureza pecaminosa. E através desta mesma graça somos capacitados a suportar até o fim e sermos apresentados 'imaculados diante de Sua glória.' S. Jud. 24.

"A grande cena do julgamento nos Céus revelará claramente aqueles que têm crescido em graça e desenvolvido caracteres como os de Cristo. Alguns que professam ser filhos de Deus, mas que têm deixado Seu conselho, dirão admirados ao Senhor: 'Não profetizamos em Teu nome? E em Teu nome não expulsamos demônios? E em Teu nome não fizemos muitas obras maravilhosas?' A resposta para tais será breve, mas enfática: 'Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade.' S. Mat. 7:22 e 23. Desde que eles mesmos se provaram indignos de Seu Reino, o Senhor em Sua justiça não pode fazer nada mais do que rejeitá-los. Eles PODERIAM TER FEITO A VONTADE DE DEUS, mas escolheram seus próprios caminhos de sua vontade." — *Questions on Doctrine*, págs. 404-417.

Conclusão

Concluindo, fazemos a pergunta: "Uma vez salvo, sempre salvo?" Taxativamente, dizemos

que não. Não podemos seguir a doutrina batista neste particular, e não podemos concordar de maneira alguma com os Calvinistas que dão ênfase a Deus, como Supremo, Absoluto! Deus realmente tem predestinado a todos, coletivamente, para a salvação! Isto quer dizer que Deus quer que todos cheguem ao arrependimento! É o Seu supremo anelo que todos os homens aceitem o sacrifício de Cristo operado na cruz do Calvário. A obra da redenção não é uma obra de última hora. Deus, desde a fundação da Terra, planejou a salvação do homem! É uma predestinação coletiva, não individual, no sentido em que Ele quer que todos se salvem, como o sangue de Cristo foi derramado por todos os homens, uma vez para sempre!

Esta predestinação envolve caráter! Aquele que atingir certa norma, este será o eleito de Deus. A previsão não é nominal, mas de um grupo!

Cristo é o foco de Unificação, o Eixo do Universo. Houve uma ruptura na ordem e beleza de tudo. Cristo uniu novamente Deus ao homem. Pela Sua própria justiça Deus se tornou inimigo do homem. Cristo abriu o caminho através do amor, permitindo que houvesse paz entre Deus e o homem. "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo."

Muitos têm argüido: Um homem que era cristão toda a vida, de repente, num dado momento, briga com alguém, saca do revólver e mata um indivíduo! Ele será salvo? Bem, isto não nos compete responder! Quem somos nós para servir de juízes? Quem conhece as intenções do coração? Davi, por exemplo, pecou muito contra o Senhor, no entanto, ele se humilhou, ele se arrependeu! Saul, por sua vez, se colocou em lugar de Deus! Ele não tinha tantas mulheres, no entanto, seu coração era duro, orgulhoso à vontade do Senhor! Isto começou no Céu, com Satanás... Eu, eu, eu! "Subirei acima das mais altas nuvens!" "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." (I S. João 1:9).

Há, naturalmente, o pecado voluntário, o pecado premeditado! É verdade que há muita diferença! O sangue de Cristo, porém, nos lava e purifica de qualquer pecado! O ladrão na cruz não teve muito tempo, nem de se batizar, nem de alcançar uma vida pura e santificada! Todavia, ele reconheceu sua pecaminosidade e se entregou ao Salvador!

Oxalá o Senhor abra o nosso entendimento, e nos entreguemos a Ele, sem reservas, destituindo-nos de todo orgulho, de toda a maldade e possamos buscá-Lo de todo coração. Aceitemo-Lo como nosso Salvador, lavemos nossas vestiduras no sangue do Cordeiro! Somos salvos pela Graça Divina.

OCULTISMO

J. R. Spangler

Redator de *The Ministry*

Quando o Estado da Califórnia oficialmente reconheceu a Primeira Igreja Nacional de Satanás como igreja autorizada a realizar casamentos e batismos em nome de Satanás, a raça rebelde humana deu outro passo para o pleno cumprimento das palavras de Apoc. 13:3 e 4: "Toda a Terra se maravilhou, seguindo a besta; e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta." Apoc. 13:3 e 4. Desde a formação da Primeira Igreja Nacional de Satanás, em 1966, tem-se declarado que dificilmente se encontrará uma cidade de certo vulto na América sem uma ramificação desta religião apóstata.

Mas isto não é tudo. Marchando através das páginas da imprensa, da televisão, nas telas cinematográficas, há um dilúvio de material que pode ser descrito por uma simples palavra: *ocultismo*. Evangelistas adventistas ocasionalmente usaram esta palavra alguns anos atrás, e a maioria das pessoas provavelmente perguntarão o que significa. *Significado*: "De oculto, escondido, secreto, incompreensível, misterioso, escuro, esotérico etc." A palavra *ocultismo* é usada livremente para encobrir todas as formas do assim chamado sobrenatural. Kurt Koch, em seu livro *Occult Bondage and Deliverance*, informa que o termo se aplica à astrologia, psicometria, quiromancia, cartomancia, clarevidência e outras formas de predicionismo, além de todos os tipos de magia, como a cura ou infligência de enfermidades, indução ao amor ou ao ódio, feitiçarias, espiritismo, satanismo, telepatia etc.

Faz alguns anos, Ellen G. White declarou: "Supõe-se lisongeiadamente que as superstições pagãs tenham desaparecido diante da civilização do século vinte. Mas a Palavra de Deus e o severo testemunho dos fatos declaram que a feitiçaria é praticada neste século tanto quanto o foi nos velhos tempos da magia. . . .

"Os mágicos dos tempos pagãos têm seu correspondente nos médiuns espíritos, nos videntes e nos cartomantes de hoje. . . . Se fosse erguido o véu que está diante dos nossos olhos, veríamos anjos maus empregando todas as suas artes para enganar e destruir." — *Atos dos Apóstolos*, págs. 289 e 290.

Contanto que Renda Dinheiro

Naturalmente, muito do que se apresenta como

ocultismo não passa de engodo, mas nem tudo. O mundo comercial não se preocupa em saber se é falsidade ou manifestação sobrenatural. Eles estão capitalizando no fato de que milhões ao redor do mundo estão profundamente interessados, senão envolvidos, em vários aspectos de ocultismo. Publicadoras, industriais do cinema, produtores de programas de TV, todos estão tocando para a frente este tema pelo que ele vale, desde que suas caixas registradoras estejam fazendo soar as alegres novas daquela música tilintante que significa muito lucro. A tragédia é que o destino eterno do homem está em jogo neste círculo de intriga sobrenatural.

Desejo de Poder

Um ingrediente básico está presente no ocultismo: desejo de poder! Seja o desejo de controlar a mente de outrem, ou de exaltação pessoal mediante demonstração do miraculoso, o amor do poder pelo sobrenatural está envolvido. Isto é em si uma indicação do que está por trás de toda operação ocultista. Não foi o arquienganador que se vangloriava: "Eu subirei ao Céu," "eu exaltarei o meu trono," "eu serei semelhante ao Altíssimo" (Isa. 14:13 e 14)? É-nos dito que o anseio de Satanás por poder é melhor visto no fato de procurar substituir a Palavra de Deus por manifestações sobrenaturais. "Aqui está um canal inteiramente sob seu controle; por este meio ele pode levar o mundo a crer no que ele quiser." — *O Conflito dos Séculos*, pág. 557. O passo seguinte seria um passo natural, isto é, inculcar em seus seguidores o mesmo desejo de poder e controle. É uma vez que a maioria das massas da Terra não pode encontrar o embriagante efeito do poder nos negócios, na política, no campo das ciências ou do entretenimento, julgam que podem encontrá-lo no domínio do ocultismo. Aparentemente há alguma coisa para cada um que se dispõe a tornar-se praticante do ocultismo numa ou noutra de suas formas.

Aspectos Velados

Já vimos que se pudéssemos retirar o céu que está diante de nossos olhos, veríamos as forças do mal "emoregando todas as suas artes para enganar e des-

truir.” A operação de milagres é talvez a mais poderosa forma de engano de Satanás; mas consideremos um outro tipo, tão predominante hoje, e contudo por poucos reconhecido como manifestação espiritista. Ellen G. White dá ênfase ao fato de que o espiritismo nos tempos modernos cobre os seus aspectos mais objetáveis com o manto do cristianismo. Em vez de denunciar a Cristo e Sua Palavra, o espiritismo professa aceitar a ambos. Mas notai a arapuca! “A Bíblia é interpretada de modo que agrade ao coração não renovado, enquanto que suas solenes e vitais verdades são tornadas de nenhum efeito. O amor é mostrado como o principal atributo de Deus, mas é rebaixado a um fraco sentimentalismo, fazendo pouca distinção entre o bom e o mau. A justiça de Deus, Sua condenação ao pecado, os reclamos de Sua santa lei, são mantidos fora de vista.” — *O Conflito dos Séculos*, pág. 558. Ninguém que leia esta afirmação deixa de considerar que essas palavras acuradamente descrevem muito do cenário religioso de hoje.

Pensai agora por um momento. Se vós outros ou eu fôssemos o diabo, que método mais sutil poderíamos usar para enganar o professo mundo cristão do que conseguir que todos falem, orem, cantem e testemunhem ao mundo o belo amor de Jesus e ao mesmo tempo refugar a obediência à lei de Deus? E então levar outro grupo a começar a exaltação de normas e obediência à lei, mas de um modo crítico e esdrúxulo, com exclusão do amor? O largo caminho para o inferno tem dois grupos extremados marchando nele, um aclamando o amor e outro proclamando a lei, e ambos pensando que Deus está do seu lado. A fé pode vacilar ante as promessas de Deus, se pregarmos a lei sem o amor. Mas Cristo é negado da mesma forma quando o amor é estimulado sem a lei. E nunca devemos esquecer que este último mal é classificado como engano sutil, perigoso, do espiritismo!

Tudo em Nome do Senhor

Há necessidade de examinar-se de modo mais crítico este conflito entre Cristo e Satanás, entre a semente da mulher e a semente da serpente. Não somente tem o líder das trevas atacado a raça humana de modo aberto, como no exemplo da igreja de Satanás e outros processos sinistros de ocultismo, como tem também plantado a sua bandeira dentro dos muros da igreja cristã.

Cristo deixou implícito este fato quando disse que “nem todo que Me diz Senhor, Senhor, entrará no Meu reino,” mas somente os que fizessem a vontade do Pai celestial. Quando vier aquele dia, muitos dirão: Senhor, Senhor, em Teu nome não profetizamos, em Teu nome não expulsamos demônios, em Teu nome realizamos milagres?” Disse então Jesus que lhes diria abertamente: “Nunca vos conheci” (S. Mat. 7:21-23). Notai as três categorias de ações sobrenaturais, tudo feito

em nome do Senhor: profetizar, expulsar demônios e operação de outros milagres. Isto constitui uma bela cobertura do fenómeno espiritual. Notai uma vez mais cuidadosamente os aspectos demarcantes entre o falso e o verdadeiro. Verdadeiro são os que “fazem a vontade” de Deus.

Na análise final haverá os que terão realizado poderosos milagres em nome de Cristo, inclusive expulsão de demônios, o que é presumivelmente o mais difícil de todos os milagres. Os próprios discípulos não lograram realizar este milagre pelo menos numa ocasião. (S. Marcos 9:14-29.) O ponto é: Alguns, a maioria talvez, que realizam esses milagres são professos cristãos, mas estarão operando sob um poder enganador. Onde está este grupo? Quem são? Como podemos distinguir os seguidores de Satanás que realizam milagres em nome de Cristo, dos verdadeiros seguidores de Cristo, que podem ou não realizar milagres em Seu nome? Deve haver por certo alguns que estão levando o rótulo de cristãos e que estão na realidade trabalhando para o próprio diabo. Com toda probabilidade, eles não têm idéia de que são controlados pelo poder de Satanás, ou não fariam as afirmações que Cristo disse farão no julgamento final.

Vestes de Ovelhas Parecem Muito Reais

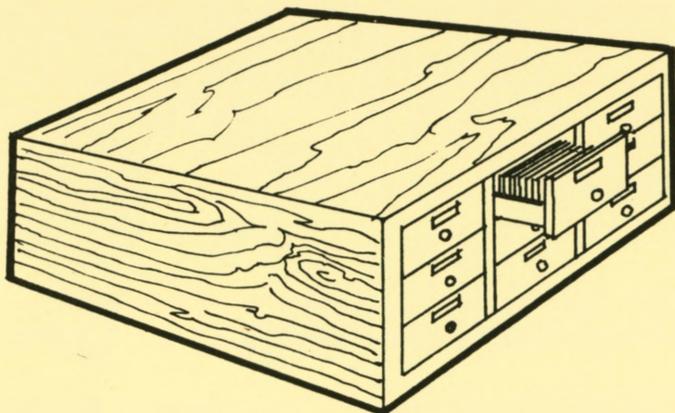
Ellen G. White especificamente afirma que “as pessoas aqui descritas, que fazem essas pretensiosas afirmações, evidentemente envolvendo Jesus em todos os seus feitos, representam de modo bem próprio os que proclamam moderna santificação, mas fazem guerra à lei de Deus. . . . Satanás desceu nos últimos dias, para operar com todo o engano da injustiça naqueles que perecem. Sua majestade satânica opera milagres à vista dos falsos profetas, à vista dos homens, declarando-Se ser indubitavelmente o próprio Cristo. Satanás dá o seu poder aos que o estão ajudando em seus enganos; portanto, os que dizem possuir o grande poder de Deus, só podem ser descobertos mediante o grande detector, a lei de Jeová. O Senhor nos diz que se fora possível, enganaríamos até os escolhidos. As vestes de ovelhas parecem tão reais, tão genuínas, que o lobo não pode ser percebido a não ser que vamos à grande norma moral de Deus, e ali descubramos que são transgressores da lei de Jeová.” — *SDABC*, págs. 1087 e 1088.

Nosso papel como ministros é ter o coração saturado com o amor divino e contudo ser firmes como o aço e exaltar a lei de Deus. Esta não é certamente uma tarefa fácil de realizar, e não se tornará mais fácil no futuro. Não está longe o dia em que os que fiquem ao lado do direito serão classificados como o próprio demônio. Com perfeito tato e bondade, firmes e equilibrados, devemos prosseguir para arrancar as almas das garras do inimigo.

ARQUIVO

DO

PASTOR



Rubén Pereyra

AVISO:

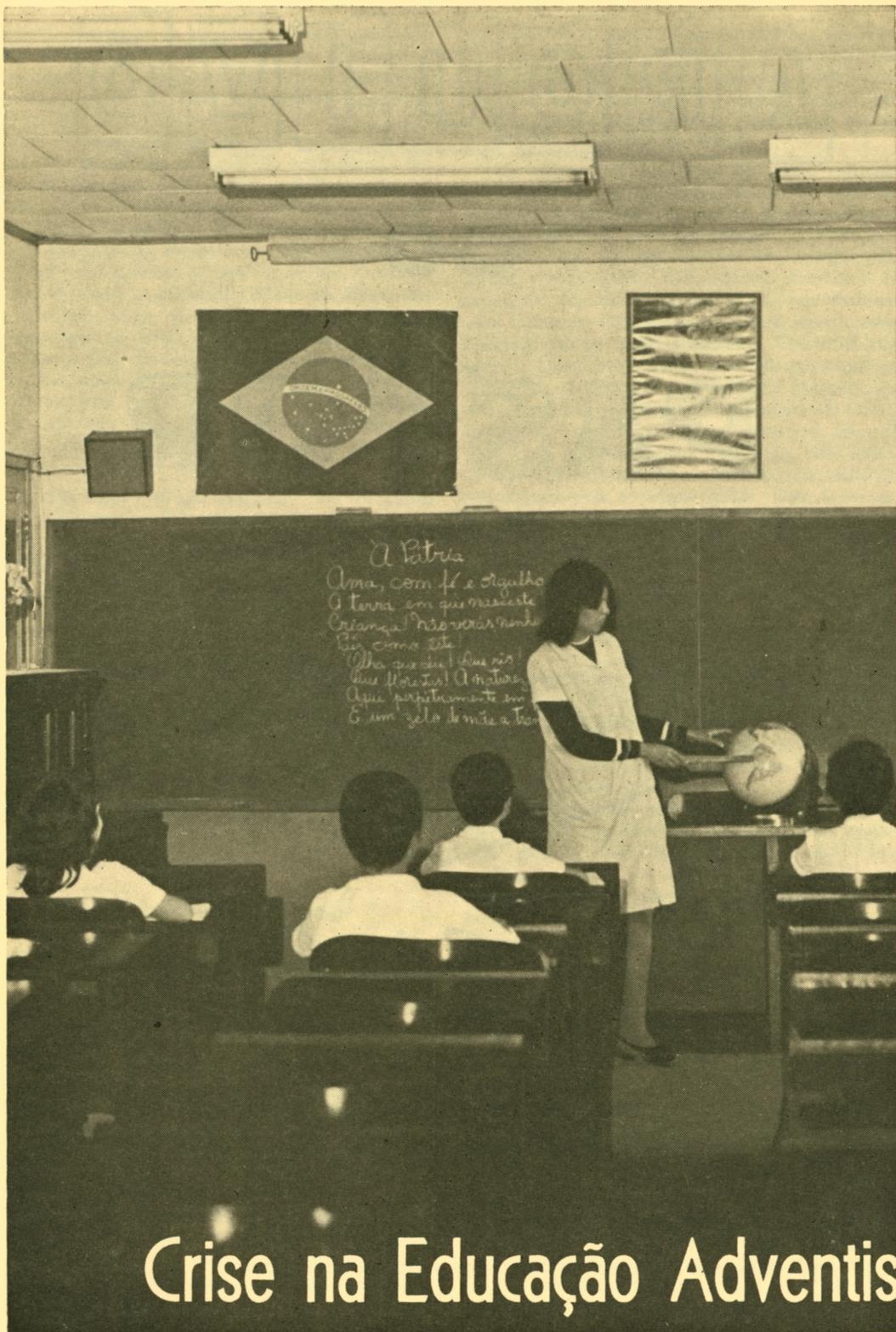
Já recebeu o livro-guia para a confecção ou adaptação de seu arquivo?

ARQUIVO DO PASTOR, preparado pela Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana:

Índice Sistemático — Índice Alfabético — 80 páginas — 11 seções — 671 assuntos selecionados de interesse para um pastor-evangelista — Seção pessoal!

Se ainda não tem o seu exemplar, peça-o imediatamente à:

Associação Ministerial
Casilla 286 — Montevideú — Uruguai.



Crise na Educação Adventista

Nota Introdutória

Desejamos partilhar com todos os pastores da Divisão Sul-Americana, algumas das informações mais significativas apresentadas pelo Departamento de Educação à Mesa Administrativa da Divisão, reunida em Montevideu em novembro-dezembro de 1972. Consideramos que se estamos melhor informados, todos poderemos enfrentar de maneira mais eficaz a crise em que, lamentavelmente, entrou nosso sistema educacional no território da Divisão.

Escolas Primárias (Básicas, Fundamentais)

Faz pouco mais de cem anos (1872), a igreja adventista lia o primeiro testemunho da pena da irmã White, no qual era apresentada, de maneira abarcante, a filosofia e os objetivos da "verdadeira educação." Prontos a obedecer às instruções recebidas por inspiração, nossos dirigentes possibilitaram o estabelecimento da primeira escola adventista, poucos meses depois.

Quando chegaram à América do Sul os primeiros pregadores da tríplice mensagem angélica, uma de suas primeiras iniciativas foi criar escolas. Já em 1893 começou a funcionar a primeira. A partir daí, com persistentes esforços e sacrifícios, foram-se levantando centenas de escolas como pequenas "cidades de refúgio," para as crianças de nossas igrejas. Ao contemplar os dados estatísticos que aparecem no quadro 1, notamos que em 1966 tínhamos 792 escolas em todo o território da Divisão Sul-Americana. É o ano máximo. Entristece observar, no mesmo quadro, que o declínio a partir daí tem sido acelerado, até contar em 1972 com apenas 465 escolas primárias. Se este ritmo se mantiver, quantas escolas teremos daqui a cinco anos?

Werner Vymeister

Diretor de Educação da Divisão Sul-Americana

Algumas razões podem ajudar a explicar a diminuição drástica no número de escolas:

1) A quase total eliminação, de nosso cômputo, das chamadas "escolas particulares," ou "escolas do lar," na União Incaica, explica, em boa medida, a diminuição notável de escolas nesta união.

2) A consolidação de duas ou mais escolas em diferentes cidades tem resultado na eliminação de umas poucas escolas pequenas, sem que isto signifique necessariamente diminuição no número de alunos adventistas.

3) Maiores exigências governamentais quanto à planta física de nossas escolas e à preparação profissional de nossos professores primários, têm levado ao fechamento de umas poucas escolas também.

4) A crescente competição das escolas oficiais, com ensino gratuito e melhores locais, tornou mais difícil a sobrevivência econômica de algumas escolas que se financiam em proporção apreciável com a presença de crianças não adventistas.

Embora estas razões expliquem parcialmente a diminuição do número de escolas, não encontramos razões que expliquem nossa atitude fatalista em face do fenômeno, se ainda cremos em nossa filosofia educacional. Sabemos bem que:

"Não há nada de maior importância do que a educação de nossas crianças e jovens." — *Conselhos aos Professores*, pág. 126.

"Onde quer que haja alguns observadores do sábado, os pais devem unir-se para possibilitar um lugar destinado à escola diária, onde seus filhos e jovens possam ser ensinados." — *Test. Seletos*, Vol. 2, pág. 457.

"Nas localidades onde os crentes são poucos, unam-se duas ou três igrejas, para erigir um

na Divisão Sul-Americana - I

humilde edifício como escola primária. Participem todos nos gastos. Já é tempo de que os observadores do sábado separem seus filhos das companhias mundanas, e os coloquem sob a direção dos melhores mestres que farão da Bíblia o fundamento de todo estudo." — *Idem*, pág. 464.

"Em alguns países os pais são por lei obrigados a enviar os seus filhos à escola. Nesses países devem-se estabelecer escolas nas localidades onde há igrejas, mesmo no caso em que não houvesse mais do que seis crianças para freqüentar a cada uma delas. Trabalhai por impedir que vossos filhos se afoguem nas influências viciosas e corruptoras do mundo, como se estivesse trabalhando por vossa vida." — *Idem*, pág. 458.

Como era de esperar, a diminuição no número de escolas tem significado também uma diminuição no número de alunos adventistas. As informações estatísticas que aparecem no quadro 2 permitem fazer uma análise da situação em cada associação, missão e união, no decorrer dos últimos 14 anos.

Observamos com preocupação que, conquanto em dois anos relativamente recentes tenhamos tido mais de 18.000 alunos adventistas em nossas escolas primárias (básicas, fundamentais), em 1972 tivemos apenas 13.616. Há uma diminuição líquida considerável. Mas a diminuição se torna alarmante quando recordamos que nos últimos nove anos a quantidade de membros de igreja em nossa Divisão tem mais do que duplicado. Como se observa no quadro recém-mencionado, em 1963 tínhamos 12,7 alunos primários adventistas para cada 100 membros batizados. Em 1972 tínhamos apenas 4,7. Sabemos que em 1963 a situação não era ideal (havia ainda muita criança adventista que não freqüentava nossas escolas). Quanto mais séria é, portanto, nossa situação hoje, quando este número tem-se reduzido, proporcionalmente, quase a um terço! Se esta situação continua por alguns anos mais, nossas escolas primárias deixarão de ser um fator significativo na formação das crianças adventistas na Divisão Sul-Americana. Se observarmos com cuidado os números dados no quadro 2, notaremos que todas as associações (missões) e uniões têm tido em algum ou alguns anos passados mais alunos primários adventistas do que em 1972. (A única exceção, pouco significativa, o Paraguai.) Este é um problema que a todos nos afeta.

Outro fator que preocupa é que em 1972, 56,7% dos alunos que assistiam a nossas escolas primárias (básicas, fundamentais) não eram adventistas. Nossos filhos estão em minoria. Há razões financeiras que podem explicar parcialmente isto. Mas também devemos reconhecer que este fator milita contra a essência mes-

ma de nossa filosofia educacional. *Colégios (Institutos) Secundários*.

O quadro 3 mostra o crescimento desproporcionalmente baixo do número de alunos adventistas em nossas escolas institucionais de nível médio. Embora com menor intensidade, observamos outra vez o fenômeno de um rápido aumento no número de membros de igreja não sendo acompanhado por um número proporcional de alunos adventistas. Em 1966 e 1967 tínhamos dois alunos adventistas para cada 100 membros batizados. Em 1972 tínhamos apenas 1,5. Como ideal, considerando outros continentes onde o nosso sistema educacional não se estancou em seu desenvolvimento, devíamos ter entre 4 e 5 alunos secundários para cada 100 membros de igreja. Estamos muito longe deste alvo.

De outro ponto de vista, não podemos menos que fazer notar que nos últimos 22 anos só foram fundados dois colégios secundários com internato, um dos quais teve de ser fechado, na Bolívia. O outro, estabelecido em 1968, é o Colégio Adventista do Equador. Outras duas pequenas instituições com internato, uma estabelecida em 1963 (Educandário Espírito-Santense) e outro em 1968 (Instituto Adventista Agro-Industrial do Amazonas), oferecem por enquanto apenas ensino de nível fundamental. Nestes mesmos 22 anos foram criados outros nove colégios secundários de externato, um dos quais já deixou de existir. Outro foi reduzido a escola básica (de 9 graus), e um mais também terá de sê-lo. Dos 5 restantes, só 2 oferecem o curso secundário completo.

Analisando o quadro com muito realismo notamos, porém, que em alguns países nossos colégios secundários com internato não conseguem número suficiente de alunos para lotar os seus dormitórios. Em alguns destes casos, aproximadamente 50% dos alunos internos não são adventistas. Aqui há um tipo diferente de problema. Em outros países, por outro lado, o problema é ter suficiente espaço em nossos internatos a fim de acomodar a todos os jovens, rapazes e moças, que desejam receber uma educação cristã. Lamentavelmente temos de admitir que em 1972, 40% dos estudantes de nossos colégios secundários não eram adventistas. Podemos afirmar em sã consciência que estes nossos colégios são "cidades de refúgio" para nossa juventude?

Nível Superior

É em nível superior que se conseguiu manter em forma mais estável um crescimento proporcional entre o número de membros de igreja e o número de alunos. Por uns nove anos tem estado a oscilar entre 0,3 e 0,4 alunos para cada 100 membros de igreja. Mas a só menção deste

número insignificante deixa a descoberto outra de nossas grandes necessidades. Devíamos poder oferecer uma maior variedade de especialidades de nível superior para atrair a um número maior de jovens e senhoritas que se vêm obrigados a estudar essas especialidades em centros universitários não adventistas. Há pelo menos três fatores que tornam isto muito difícil:

1) Custa obter autorização oficial para oferecer cursos de nível universitário (para certas especialidades e em certos países, isto é praticamente impossível); 2) em outros países de nossa Divisão há limitações legais para o exercício de profissões estudadas em países estrangeiros, que embaraçam uma coordenação satisfatória das especialidades que oferecem em nível superior; e 3) o custo elevado do ensino de nível superior dificultará a iniciação de novas especialidades, que não podem ter assegurado um número suficiente de alunos cada ano. Em que pese tudo isto, cremos que devemos explorar as possibilidades de uma distribuição racional de especialidades entre nossos colégios superiores e um aumento das mesmas. Para-

lamente — sendo que de todo modo haverá muitas especialidades que não poderemos oferecer — devia-se elaborar um plano concreto que vise uma atenção mais adequada aos mais de 2.000 estudantes adventistas que atualmente estudam em centros universitários não adventistas.

Que Faremos?

Nossa educação primária (básica, fundamental) está perdendo terreno aceleradamente. Nossa educação secundária também retrocede. Nossa educação superior está estancada e em perigo de retroceder também. Cremos que são válidas ainda hoje as palavras inspiradas de 1872? Então, que faremos? Que posso eu fazer, como Pastor de uma igreja ou de um distrito? Que posso fazer como empregado em alguma instituição? Que posso fazer, eu que tenho uma responsabilidade administrativa? Que posso fazer, como membro leigo da igreja? Que podemos fazer *todos*, se realmente cremos em nossa filosofia educacional? Apresentaremos algumas sugestões no próximo número.

Oração do Pastor



"Oh, Deus, concede-nos visão! Concede-nos o poder de levantar os olhos para podermos levantar os nossos alvos! Deles depende muito! Dá-nos obreiros cujos olhos se elevem até o Céu, sobrepondo-se aos outeiros estéreis da experiência e realizações comuns. Que honra! Quão grande é a tarefa que nos desafia! Que assombroso dia de oportunidade!" — R. H. Pierson, *Para Você que Quer Ser Dirigente* (em inglês), pág. 23.



A História de uma Conversão e de um Livro

Sobre o tema acima, o diretor faz 10 perguntas a Francisco Varela Gorga

“‘Cela 350’: Um recluso Escreve *Best Seller*.” “De Punta Carretas à Fama Através de um Livro.” “O Detento que Quer a Paz.” “Êxito Literário de um Jovem Detento.” “‘Cela 350’; Quando um Livro Pode Modificar Toda uma Vida.”

Estes são alguns dos títulos com que os periódicos uruguaios deram a conhecer o assunto numa curiosa conferência de imprensa oferecida por um recluso da penitenciária de Punta Carretas em Montevideu. Temos vários jornais aqui sobre nossa mesa. Temos também uma quantidade de cartas, todas dirigidas ao mesmo destinatário: Francisco Varela Gorga, Ellauri 1350, Montevideu. Há-as de todo tipo e tamanho. Revisando-as, vimos selos do México, Uruguai, Estados Unidos, Colômbia, Espanha, Porto Rico, Honduras e até da Grécia. Uma delas está escrita em folhas de caderno que, aparentemente, era tudo que encontrou à mão quem escreveu, ao sentir o impulso irresistível de agradecer ao autor. Outra tem cerca de 120 páginas. Em todas, porém, há um denominador comum: revelam o tremendo impacto que o livro “*Cela 350, Encontro com a Vida*,” exerceu sobre eles. Com

permissão do irmão Varela, lemos algumas. É toda uma experiência fazê-lo!

Conhecendo o autor do livro, a quem nos une uma amizade sincera, pensamos que sua experiência poderia interessar e inspirar os leitores de O Ministério Adventista. Com tal motivo nos aproximamos da Colônia Educativa de Libertad (pequena povoação, a uns 50 quilômetros de Montevideu), atual lugar de reclusão, com o propósito de fazer algumas perguntas a Varela. Aqui vão as perguntas e as respectivas respostas.

P. Se tivesse de resumir numa só frase sua experiência anterior ao fato que o trouxe à prisão, como o faria?

R. Posso resumi-lo dizendo que carecia de um motivo pelo qual viver, de um ideal ou um

anelo. Aos 18 anos era um fracassado real e totalmente. A isto se deveu — fundamentalmente — a que, minha família, conquanto lutasse por dar-me uma sólida educação intelectual e me brindasse com o seu exemplo de honestidade, não me ensinou a viver, e cheguei à adolescência sem guia, sem base, tendo de debater-me só em meio à voragem do mundo de hoje.

P. Sabemos que sua conversão foi fruto do trabalho dos leigos de Montevidéu na penitenciária de Punta Carretas. Poderia dar-nos abreviadamente sua primeira impressão da mensagem apresentada?

R. Se alguma coisa me impressionou realmente, não foi na primeira oportunidade a mensagem em si, mas o efeito, o verdadeiro amor e a solidariedade dos missionários leigos para com os reclusos. Esses homens realmente viviam sua fé, e isto me permitiu compreender logo o alcance de um evangelho que, em suas partes fundamentais, eu conhecia desde pequeno, mas deformado e sem saber compreendê-lo cabalmente. Se algo maravilhoso escutei, foi saber que não importa quão ruim eu tivesse sido, havia um Deus disposto a perdoar-me, a limpar-me. A oportunidade de começar outra vez a vida, com a folha em branco, foi uma notícia maravilhosa.

P. Através de toda a América do Sul há leigos e obreiros visitando cárceres. Conhecendo o irmão o ambiente carcerário e a psicologia de quem vive entre grades, poderia dar algumas recomendações aos tais em relação a temas que devem ser tratados, tipos de trabalho a realizar, que coisas fazer e quais evitar nessas visitas?

R. Os temas devem ser fundamentalmente evangélicos, cristocêntricos. Os homens encarcerados necessitam de uma mensagem de amor, de paz e de esperança, mais do que outras pessoas. Não importam então os mais eloquentes argumentos teológicos, nem a compreensão de complicadas profecias. "Deus existe. Deus te ama. Jesus morreu por ti, e nEle tens o amigo que te falta. Ele te dá a oportunidade que consciente ou inconscientemente desejas de começar uma vida nova." Essas deveriam ser as premissas fundamentais das mensagens.

O trabalho a realizar não deve ser somente a fria pregação do evangelho, e estas palavras não deveriam parecer uma contradição. É necessário que em todos os cárceres onde se permita, a pregação vá unida a uma real aproximação dos reclusos e interessados por parte dos irmãos. Nunca serão muitas as visitas, as cartas de estímulo; a igreja deve aproximar-se de seus irmãos presos.

Dorcas e setores assistenciais têm ali, durante a reclusão e a libertação, uma tarefa importantíssima a realizar. Ouvi muitas vezes, com pesar, que se teme vão os presos às reuniões por causa de pão e peixe. Sempre que se oferece algo corre-se esse risco em qualquer ordem da vida. A realidade é que ali no cárcere muitíssimas vezes há fome, há frio, há necessidade

de uma verdadeira e sincera amizade. E quando o homem recupera a liberdade não se lho pode abandonar; deve-se apoiá-lo em tudo que for possível, que esteja ao alcance dos irmãos. Não fazê-lo é um horrível pecado, não só teologicamente falando, senão mesmo no estrito sentido de humanidade. Desenganados haverá sempre, mas a ingratidão só fere a quem gratidão espera. E os cristãos devem trabalhar sem esperar absolutamente nada, mas deixando tudo nas mãos de Deus. Hoje pode parecer que uma semente que deu muito trabalho colher, está perdida. Isto causa dor, mas não sabemos se amanhã colheremos o pão lançado sobre as águas.

Ao trabalhar em cárceres deve lembrar-se de que o preso, por sua própria situação, é muito sensível, hipersensibilizado mesmo. Diante dele há algumas frases que jamais deveriam ser ditas. Por exemplo: "Irmão, sorte sua estar aqui. Não imagina quão terrível é a situação lá fora." "É vontade de Deus que você esteja preso." Deve evitar-se um ataque frontal à delinquência e à imoralidade, erro em que frequentemente caem muitos irmãos, ao usar expressões como: "O mais feroz criminoso," "o mais pervertido ladrão," pois os ouvintes, muitos deles, se sentiriam apanhados, e seu orgulho pode ter sido tocado profundamente. Refiro-me, nestes casos, aos que ainda não estão convertidos. Outro ponto é não falar de temas que causam sofrimento aos presos. Lembra-me um irmão que nas palestras anteriores à reunião, ou posteriores a ela, dizia coisas como esta: "Hoje fui com minha família à praia, divertimo-nos muito, a praia estava uma delícia." "Saimos hoje de auto e fomos ao campo, onde almoçamos; minha esposa cozinha tão bem, que foi um banquete, no qual não faltou nem o suco de uvas." Uma vez, ao sair, um companheiro me disse: "Varela, este homem vem para nos torturar." Só pude dizer que o fazia sem maldade, mas que tinha razão, pois todos saíam pensando nas coisas boas da vida que ele tinha e os presos não podiam desfrutar.

Ao falar-se da prostituição, deve fazer não em termos condenatórios, mas de amor para com essas mulheres. Muitos reclusos são filhos ou irmãos de prostitutas, ou estas são suas próprias esposas.

P. Conte-nos alguma coisa sobre a história do livro "Cela 350, Encontro com a Vida."

R. Cela 350 surgiu como uma necessidade imperiosa de contar a outros o que ocorreu em minha vida, que é hoje, como tantos outros, um milagre moderno. Comentei numa carta que o estava escrevendo, e da Pacific Press pediram-me os originais. Pediram-me que voltasse a escrevê-lo, já que havia muitos aspectos a serem melhorados, e assim saiu à luz. Fundamentalmente porque o autor, que desejaria pregar esta mensagem aos quatro ventos, não podia sair do cárcere para fazê-lo, e não viu outro meio de realizar o seu anelo do que cristalizando-o numa autobiografia.

P. Há planos de publicá-lo em outras editoras em futuro próximo?

R. Sim, será publicado pela Casa Editora de Buenos Aires, e quase certamente pela de S. Paulo. (Em ambos os casos a ser confirmado.)

P. Vemos a montanha de cartas que o irmão recebeu em resposta à leitura do livro. Seria possível dizer-nos a que mais o impressionou e por quê?

R. Muitas das cartas me tocaram fundamente, mas houve uma, de um jovem porto-riquenho de 16 anos, que me levou à emoção, pois sua carta não era somente a impressão sobre o livro, sua felicitação ao autor. Trazia suas páginas tão impregnadas de amor, que senti vivamente ele compreendia minha vida, e que aprecia estar ao meu lado, aqui na cela. Senti-me tão identificado com ele, e agradecido, que um dos meus maiores desejos é conhecê-lo pessoalmente algum dia.

P. Sente-se satisfeito com a obra que o seu livro está fazendo nos países em que está circulando?

R. Naturalmente que sim. Não me compete a mim falar do que o livrinho está fazendo, mas tem sido causa do maior gozo e felicidade em minha vida. Tenho recebido testemunhos impressionantes.

P. Se tivesse de voltar a escrever Cela 350, acrescentaria ou tiraria alguma coisa?

R. Não lhe tiraria nada, mas não lhe acrescentaria muito. Gostaria de fazê-lo muito mais completo, de pormenorizar mais a espantosa vida do cárcere, e sobretudo fazer um arrazoado muito firme e cristão sobre as causas sociais da delinquência, de como os cárceres se nutrem de seres nascidos nos bairros marginalizados das cidades, e como a injustiça social leva à delinquência. Neste sentido tenho uma grande dívida para com meus companheiros nascidos e criados nos bairros e vilas desprovidos de ajuda, e para com as crianças que hoje pululam neles, e que sabemos bem, amanhã também terão sua cela, por buscar o pão que a sociedade lhes nega, de um modo que a sociedade condena. Espero algum dia, de algum modo, saldar esta dívida com eles.

P. Tem planos de escrever outros livros no futuro?

R. Sim, escrevi dois outros, um com uma mensagem moderna, para o homem de hoje, e outros sobre a História das Religiões, um tema que me apaixonou e ao qual dedico os meus melhores esforços no estudo, mas ambos foram recusados. O primeiro dos mencionados é provável que seja agora publicado por editora católica.

P. Que planos tem quanto a sua vida, quando recuperar a liberdade?

R. Há duas perspectivas. A primeira é cursar o teológico no Colégio Adventista do Prata. A outra, percorrer o mundo inteiro pregando a mensagem, dando testemunho e ganhando a vida com a venda de meus livros e artigos.

Despedimo-nos do irmão Varela Gorga, rogando a Deus Sua bênção sobre a obra que o livro **Cela 350, Encontro com a Vida** está e continuará a realizar na América Latina.

Sugerimos usá-lo como livro missionário, que deveria ser lido pelos que estão ainda indecisos depois de haver recebido a verdade. Muitos serão sacudidos com sua mensagem. Sugerimos também sua distribuição nos cárceres, para que os reclusos o leiam. Todas as bibliotecas de instituições penitenciárias deveriam contar com vários exemplares. E oremos para que o irmão Varela Gorga possa logo estar livre das grades e possa dar testemunho pessoal do que o Senhor fez em sua vida.

DE CORAÇÃO . . .

(Continuação da pág. 5)

os livros enquanto o que aprecia a organização e planejamento será tentado a passar todo o dia no escritório pastoral. Não obstante, tudo tem seu lugar no programa pastoral e deve ser atendido com o devido equilíbrio. O pastor sábio lembrar-se-á que finalmente tudo deve conduzir à conquista de almas. Se ao terminar o ano ele "fez tudo" porém não levou pecadores a Cristo, fracassou miseravelmente.

Volvamos mais uma vez ao pastor da capa. Todas essas atividades heterogêneas que estão abarrotando sua igreja devem ser impulsionadas em forma espiritual e não mecânica. Ele não é um gerente, é um pastor; não é um promotor, é um mensageiro. O êxito de sua causa não está tanto na planificação, horas de trabalho, alvos alcançados, como na medida em que busque ao Príncipe dos pastores ao ministrar ao povo. Considerando agora a mesma verdade por outro prisma, poderá ocorrer que os alvos sejam alcançados, as tarefas cumpridas, os relatórios enviados, porém à vista de Deus, sejam profissionais, um Balaão apenas movido por interesse em posição, em estima humana ou em promoção para cargos mais elevados.

"Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor, e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo" (Col. 3:23 e 24). Eis o combustível para impelir a igreja: a certeza de que trabalhamos em algo que é mais do que uma gerência. Trata-se do ministério de reconciliação, o ocupar o lugar de Cristo na Terra (Obreiros Evangélicos, pág. 13). Que pensamento solene! Com ministros deste calibre a igreja não seria um peso morto, mas uma potência. "Se nosso número fosse reduzido à metade do que é, mas todos trabalhassem com devoção, teríamos um poder capaz de fazer tremer o mundo."

Pastor, não espere mais tempo. Ligue o motor de sua igreja!

Rubén Pereyra,